

Notícias do Brasil



SALÃO INTERNACIONAL

O poder da síntese do humor: traços sutis, conteúdos marcantes

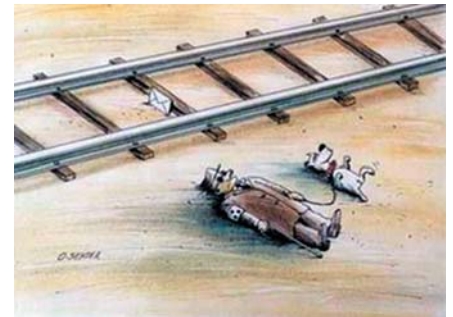
A cada ano, dos últimos 31, o Salão Internacional de Humor de Piracicaba, no interior paulista, celebra a habilidade do desenhista em dizer muito em poucos traços de uma caricatura, charge ou cartum. Em precisas pinceladas, monocromáticas ou coloridas, um mundo de significados e sentidos emerge no branco da página. Nos 45 dias em que dura o salão, a coletânea de obras nacionais e estrangeiras expostas constitui uma oportunidade de buscar entender a capacidade de síntese e de empatia que o desenho de humor consegue com seu público.

A iniciativa, que reuniu na edição passada 286 obras (cartuns, charges, caricaturas e tiras escolhidos entre 1, 5 mil trabalhos vindos de 32 países), ganhou visibilidade internacional há 25 anos e hoje, no universo das artes gráficas e das histórias em quadrinhos, goza fama mundial. Merecida. Nas obras dos 163 artistas selecionados é possível enxergar toda a riqueza e a variedade do mundo do humor gráfico: habilidade artística e fantasia são aliadas para construir sonhos e risadas, melancolia e crítica social.

Em charges, cartuns, tiras e caricaturas, encontramos bichos com defeitos e fraquezas demasiado humanas (como a “anta de tênis” do Jaguar), ou pessoas que se parecem com bestas. Nós

rimos de deuses que parecem pessoas, e nos indignamos com pessoas que se acham deuses. Cenas *non-sense*, como uma lesma apaixonando-se por uma “@”, estimulam uma ironia sutil. Técnicas de registro quase irreal, como utilizar um clipe metálico para traçar a *silhouette* de uma noiva casando, juntam-se a charges cômicas de marco onírico, como retratar um supermercado em forma de labirinto, desenhar um *mouse* de computador ao lado de garfo e faca numa mesa de jantar, ou substituindo o crucifixo no peito de um padre, levam a refletir sobre aspectos problemáticos da sociedade contemporânea. Traços duros nos levam – em micro-cenas de extraordinária, amarga, força gráfica – a um sentimento de indignação e revolta: cartuchos que, ao sair de um fuzil disparando, se tornam moedas para os senhores da guerra; uma criança árabe sendo reprovada por um adulto porque, se não estudar, jamais será uma bomba inteligente; a Estátua da Liberdade, símbolo de Nova Iorque, armada com metralhadora, ou a pomba da paz ameaçada por Ariel Sharon e forçada a carregar tijolos para construir o muro que separa os palestinos do resto da comunidade em Israel.

Como os artistas conseguem evocar sen-



Ilustrações e charges de artistas de vários países que conseguem ser compreendidas por públicos diversos

Fotos: reprodução

timentos e pensamentos complexos com signos mínimos, acompanhados de pouco ou nenhum texto, é tema de debate para semiólogos, lingüistas, teóricos da mídia e psicanalistas. Histórias em quadrinhos, cartuns e caricaturas são baseados em linguagens e discursos de natureza elíptica: pouco dizem explicitamente, muito deixam à fantasia do observador e à sua capacidade de reconstruir e inferir a parte de texto que falta, seu contexto, suas conotações simbólicas e até sua temporalidade. As imagens de HQ e de cartuns são, dizem alguns, “espaços que adquirem uma dimensão de temporalidade”.

O inglês Scott McCloud analisou os processos psicanalíticos que jogam papel importante na “leitura” ativa que o espectador efetua, por exemplo, ao assistir a uma obra cinematográfica. Referindo-se a cinema, o estudioso fala de uma capacidade de “fechamento” que pode ser aplicada também ao caso de cartuns, charges e quadrinhos: cabe ao espectador a tarefa de costurar, completar e dar significado às imagens estilizadas que aparecem no desenho, de maneira parecida ao que acontece com um leitor que se depara, no interior de um texto literário, com a figura retórica da sinédoque, quando uma parte é explicitada com a função de evocar o todo.

O acervo do Salão Internacional de Humor de Piracicaba é acessível na internet, no endereço – <http://www.salaodehumordepiracicaba.com.br>

Yurij Castelfranchi

LINGUAGEM

Fazer chiste não é fazer piada

O máximo de sentido para um mínimo de suporte. A brevidade é uma das principais marcas lingüísticas do humor. O chiste é breve, e é nele que reside, por assim dizer, a graça. E pode ajudar a descarregar uma agressividade que tem de ser reprimida. O chiste funciona, isto é, provoca hilaridade ou riso, por meio da brevidade que se expressa com a condensação: dois campos de significados se fundem, causando surpresa.

“Podem ser usadas palavras ou frases que tenham sentidos semelhantes ou sejam elas mesmas parecidas entre si. Por exemplo, detergente: a palavra pode ser desmembrada em ‘deter gente’, produzindo outro sentido”, explica o lingüista Sírio Possenti, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Um exemplo conhecido vem do próprio Freud, que conta o chiste do ‘facionário’, que condensa os vocábulos familiar e milionário.

Em outro chiste que o próprio Freud narra, um homem convida uma jovem italiana a dançar. Ela aceita, mas dança muito mal. O homem pergunta: – Todas as italianas dançam tão mal? E ela



O desenho marcante de Belmonte

responde: – *Non tutti, ma buona parti.* (Nem todas, mas boa parte). *Buona parti* ou *Buonaparti* (Napoleão)? Parafrasear ou traduzir o neologismo assim formado pode retirar toda a graça, a não ser que a tradução se dê para línguas latinas”, afirma a lingüista e psicanalista Viviane Veras. A dificuldade de tradução coloca em evidência a necessidade de um substrato culturalmente compartilhado, para que a operação seja bem sucedida.

IMAGENS Para Possenti, os mesmos mecanismos funcionam quando entram em questão as imagens. “A caricatura coloca em grande realce algo que seria um defeito, o que se faz de acordo